



ATUAÇÃO DE ENFERMEIROS NA ATENÇÃO ÀS MULHERES NO CLIMATÉRIO
PRACTICE OF NURSES ON ATTENTION TO WOMEN IN THE CLIMACTERIC PERIOD
PRÁCTICA DE ENFERMERAS EN ATENCIÓN A LA MUJER EN CLIMATERIO

Canã Borba da Silva¹, Grasielle Fátima Busnello², Edlamar Kátia Adamy³, Silvana dos Santos Zanotelli⁴

RESUMO

Objetivo: conhecer as estratégias utilizadas pelos enfermeiros acerca da atenção às mulheres no período do climatério. **Método:** estudo descritivo de abordagem qualitativa, realizada com 10 enfermeiros que atuam nas Unidades Básicas de Saúde (UBS) de um município do Oeste de Santa Catarina/SC. Os dados foram produzidos a partir de entrevista com roteiro semiestruturado no período de setembro a outubro de 2012. O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, protocolo nº 83200/2012. **Resultados:** constatou-se um déficit no conhecimento dos enfermeiros entrevistados sobre a Política do Ministério da Saúde com relação à assistência no climatério, além da não realização de estratégias específicas nesta fase da vida. **Conclusão:** desta forma afirma-se a necessidade de incentivo e capacitação dos profissionais da enfermagem para a realização de ações referentes ao climatério, que podem ser abordados por meio de estratégias de educação permanente na UBS. **Descritores:** Climatério; Saúde da Mulher; Atenção Primária à Saúde.

ABSTRACT

Objective: to know the strategies used by nurses about the attention to women in the climacteric period. **Method:** A descriptive study of qualitative approach, carried out with 10 nurses who work in Basic Health Units (BHU) of a western municipality of Santa Catarina / SC. The data was produced from a semi-structured interview within the period of September-October 2012. The research project was approved by the Research Ethics Committee, Protocol 83200/2012. **Results:** we found a deficit in knowledge of the interviewed nurses about the Health Policy regarding assistance during menopause, in addition to not carry out specific strategies at this stage of life. **Conclusion:** in this way is stated the need for incentive and training of nursing professionals to perform actions related to menopause, which can be addressed through continuing education strategies at the UBS. **Descriptors:** Climacteric; Women's Health; Primary Health Care.

RESUMEN

Objetivo: conocer las estrategias utilizadas por los enfermeros sobre la atención a las mujeres en el climaterio. **Método:** Estudio descriptivo de enfoque cualitativo, realizada con 10 enfermeras que trabajan en Unidades Básicas de Salud (UBS) de un municipio del oeste de Santa Catarina / SC. Los datos fueron producidos a partir de la entrevista semi-estructurada con el período septiembre-octubre de 2012. El proyecto de investigación fue aprobado por el Comité Ético de Investigación, Protocolo 83200/2012. **Resultados:** se encontró un déficit en el conocimiento de las enfermeras entrevistadas acerca de la relación con la asistencia de Políticas de Salud durante la menopausia, además de no llevar a cabo estrategias específicas en esta etapa de la vida. **Conclusión:** de esta manera se afirma la necesidad de incentivos y capacitación de los profesionales de enfermería para realizar acciones relacionados con la menopausia, que puede abordarse a través de estrategias de educación continua de UBS. **Descritores:** Climaterio; Salud de la Mujer; Atención Primaria de Salud.

¹Acadêmica, Curso de Enfermagem, Universidade do Estado de Santa Catarina. Chapecó (SC), Brasil. E-mail: canaredel@hotmail.com; ²Enfermeira, Mestre em Ciências Ambientais, Docente da Universidade do Estado de Santa Catarina. Chapecó (SC), Brasil. E-mail: grasi1982@yahoo.com.br; ³Enfermeira, Professora Mestre em Saúde Coletiva, Universidade do Estado de Santa Catarina. Chapecó (SC), Brasil. E-mail: katiadamy@hotmail.com; ⁴Enfermeira, Professora Mestre em Enfermagem, Universidade do Estado de Santa Catarina. Chapecó (SC), Brasil. E-mail: szanotelli@gmail.com

INTRODUÇÃO

A Saúde da Mulher tem sido foco do trabalho de profissionais da saúde e gestores. No Brasil, o Ministério da Saúde (MS) possui uma diversidade de ações estratégicas para atender às mulheres em suas fases de vida, no entanto existe uma fase ainda pouco assistida e acolhida pelos profissionais da saúde: o climatério.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) define o Climatério como uma fase biológica da vida e não um processo patológico, a qual compreende a transição do período reprodutivo ao não reprodutivo na vida da mulher. A menopausa é um marco dessa fase correspondendo ao último ciclo menstrual, somente reconhecida depois de passados 12 meses de sua ocorrência e acontece geralmente em torno dos 48 aos 50 anos de idade.¹

No ano de 2010 a população feminina brasileira totalizava mais de 97 milhões de mulheres. Nesse universo, cerca de 33 milhões tinham entre 35 e 65 anos, o que significa que 34% das mulheres no Brasil estavam na faixa etária em que ocorre o climatério.²

O climatério define o período da vida e a menopausa a parada das menstruações. O climatério por mais que seja um fenômeno fisiológico pode ter consequências negativas sobre vários sistemas orgânicos e a menopausa natural ocorre em média aos 50 anos, levando em consideração a variação entre países. Há informações que em países desenvolvidos o climatério ocorre mais tarde em torno dos 51 anos, e em países emergentes como o Brasil ocorre em torno de 48 anos 48,5 anos de idade.³

No período do climatério ocorrem diversas e significativas mudanças na vida da mulher, e grande parte dos sintomas existentes estão diretamente relacionados ao meio em que a mulher climatérica vive. Fatores pessoais, emocionais e socioeconômicos estão diretamente relacionados com o climatério, assim como as questões orgânicas. O climatério é (e deve ser entendido como) uma fase normal da vida da mulher e não uma patologia. Muitas mulheres passam por essa fase sem queixas, muitas vezes sem ajuda de um profissional ou tratamento; já outras apresentam ansiedade, ondas de calor, mialgias, além de alterações em suas relações sociais e familiares, precisando algumas vezes, de ajuda.^{1,4}

Os profissionais da saúde devem atuar frente às questões que emergem quanto ao climatério, a fim de identificar casos que

necessitam de acompanhamento, visando à promoção da saúde, diagnóstico precoce, tratamento imediato dos agravos e a prevenção de danos. No entanto, esse é uma prática pouco frequente, pois muitas mulheres climatéricas passam pelas Unidades Básicas de Saúde (UBS) despercebidas. Tratam-se as patologias, mas a integralidade não é contemplada, ficando a mulher carente de orientações e ações de promoção da saúde.¹

Em estudo realizado no Rio Grande do Sul, grande parte das mulheres diz desconhecer o termo climatério sendo necessário esclarecer seu significado. No mesmo estudo, algumas mulheres relataram a fase do climatério como positiva, pois elas sentem-se bem por não menstruem, por estarem limpas, sem sangramento. E ainda outras, referem-se ao climatério negativamente relatando muito sofrimento com as alterações menstruais, ósseas, ondas de calor entre outros sintomas relacionados ao período.⁵

O MS traz ainda que a menstruação e a menopausa são fenômenos naturais da fisiologia feminina, mas que por um período longo foi tratado como um incômodo e visto como uma doença por esta população.¹

Mediante o exposto, foi elaborado o seguinte questionamento: que estratégias estão sendo desenvolvidas pelos enfermeiros especificamente às mulheres climatéricas nas UBS de um município de referência no Oeste de Santa Catarina?

Acredita-se que com o conhecimento e resposta a esta problemática, possamos sugerir desenvolver e implementar estratégias de atendimento a esta parcela da população.

OBJETIVO

♦ Conhecer as estratégias utilizadas pelos enfermeiros acerca da atenção às mulheres no período do climatério.

MÉTODO

Estudo descritivo de abordagem qualitativa, utilizando-se a entrevista semiestruturada, na própria unidade, como técnica de coleta de dados. A entrevista foi realizada com 10 enfermeiros que atuam nas UBS de um município do Oeste Catarinense.

Foi utilizado como critério de inclusão ser enfermeiro de UBS, atuando na assistência às mulheres. As entrevistas foram realizadas no período de setembro a outubro de 2012, gravadas, transcritas e posteriormente analisadas. Para a análise dos dados, utilizou-se a categorização dos dados por análise temática, dividida em três etapas: pré-

Silva CB da, Busnello GF, Adamy EK et al.

Atuação de enfermeiros na atenção às mulheres...

análise, exploração do material e tratamento dos dados obtidos e interpretação.⁶

Este estudo foi realizado mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido/TCLE, respeitando os preceitos éticos e legais da Resolução 196 e devidamente aprovado o projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado de Santa Catarina sob nº 83200/2012.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após análise dos discursos dos sujeitos emergiram três categorias: Perfil dos Enfermeiros Entrevistados; Assistência à Saúde da Mulher na UBS; Assistência às Mulheres no período do Climatério na UBS.

◆ Perfil dos enfermeiros entrevistados

Os participantes da pesquisa eram em sua maioria do sexo feminino, sendo que das dez entrevistas realizadas apenas um entrevistado era do sexo masculino. A idade dos enfermeiros entrevistados variou entre 29 e 54 anos. O tempo de formação em enfermagem desses profissionais ficou entre 4 e 27 anos.

Os enfermeiros entrevistados, de um modo geral, possuem uma ou mais especializações. Entre elas, Saúde da Família é a mais citada pelos enfermeiros, além de Especializações em Unidade de Terapia Intensiva (UTI), UTI Neonatal, Obstetrícia, Saúde do Trabalhador, Diagnóstico Tratamento e Prevenção em Dependência Química, Gestão de Serviços de Saúde, Gestão Social e Pedagogia Aplicada à Enfermagem.

A partir de 1980 a pós-graduação no Brasil começou a crescer consideravelmente, com isso o crescimento da produção científica na Enfermagem também cresceu muito, em todos os tipos de produções, livros, artigos, dissertações, teses, dentre outros. Isso caracteriza a necessidade de qualificação e atualização e explica o fato de que a maioria dos enfermeiros entrevistados já possuem uma especialização na área da enfermagem ou está cursando.⁷

◆ Assistência à saúde da mulher na unidade básica de saúde

Todos os enfermeiros entrevistados atuam em uma Estratégia Saúde da Família (ESF). Três enfermeiros dividem suas atividades entre Coordenação e atividades assistenciais em unidade ESF. Os demais enfermeiros atuam somente em ESF, desenvolvendo atividades diversas relacionadas à assistência para diferentes públicos, conforme se pode confirmar nas falas a seguir:

[...]Jeu atuo como enfermeira assistencial, eu atendo mulheres pro programa de

planejamento familiar, preventivo do câncer, atendo hipertensos e diabéticos, crianças de vez em quando, a gente faz visitas domiciliares e atendemos urgências que chegam, que precisam de avaliação, é todo o trabalho assim protocolado já pela Secretaria de Saúde, assim todas as unidades as enfermeiras trabalham mais ou menos da mesma forma né[...] (E 1)

[...]Saúde da Mulher, tem também a carteirinha de saúde e eventuais a Hipertenso e Diabéticos[...] (E 2)

[...]a gente já tem os trabalhos em grupo, atividade coletiva digamos, os hipertensos na unidade, saúde da mulher, a gente atende puericultura todas essas atividades a gente faz[...] (E 3)

Nas ESF, o enfermeiro desenvolve seu processo de trabalho em dois campos essenciais: na unidade de saúde, junto à equipe de profissionais, e na comunidade, apoiando e supervisionando o trabalho dos Agentes Comunitários de Saúde (ACS), bem como assistindo às pessoas que necessitam de atenção de enfermagem.⁸

São descritas como atribuições do Enfermeiro na ESF: executar, no nível de suas competências, ações de assistência básica de vigilância epidemiológica e sanitária nas áreas de atenção à criança, ao adolescente, à mulher, ao trabalhador e ao idoso desenvolver ações para capacitação dos ACS e auxiliares de enfermagem, com vistas ao desempenho de suas funções junto ao serviço de saúde oportunizar os contatos com indivíduos sadios ou doentes, visando promover a saúde e abordar os aspectos de educação sanitária; promover a qualidade de vida e contribuir para que o meio ambiente torne-se mais saudável; discutir de forma permanente, junto à equipe de trabalho e comunidade, o conceito de cidadania, enfatizando os direitos de saúde e as bases legais que os legitimam; participar do processo de programação e planejamento das ações e da organização do processo de trabalho das unidades de Saúde da Família.⁸

Somente uma das enfermeiras entrevistadas relata que sua atividade na Unidade é apenas relacionada à Saúde da Mulher, realizada sobre livre demanda com todas as mulheres da área de abrangência, conforme relata, a seguir:

Trabalho na saúde da mulher e preventivo, tudo da saúde da mulher gestantes, saúde da mulher em geral. (E 4)

Sobre a população assistida nas Unidades, observou-se que há atendimento a mulheres, crianças, adolescentes, jovens, gestantes, mulheres idosas. A esta população se realizam diversas atividades assistenciais, entre elas a coleta de exame preventivo de câncer de colo

de útero, procedimento citado como realizado pela maioria dos entrevistados.

Em um depoimento foi relatado que há um grande número de mulheres que procuram as unidades de saúde, principalmente procurando a realização do exame citopatológico de câncer de colo do útero. Este procedimento está diretamente relacionado com a atuação da enfermagem na saúde da mulher entre os entrevistados, citado como atividade principal do enfermeiro na assistência à saúde das mulheres, explicitando desta forma a fragmentação do cuidado:

[...]Olha elas procuram é porque nós fizemos todos dos dias o preventivo, de segunda a sexta, de manhã e de tarde, tem semanas que é bom e tem semanas que não é tão bom[...] como são todos os dias a demanda até não é[...]vamos supor o máximo que eu fiz até hoje durante um dia foi 7 preventivos não sei se é porque são feitos todos os dias[...]de manhã e de tarde, aqui sim[...] (E 5)

As mulheres que procuram o serviço de saúde, segundo os entrevistados, são donas de casa, trabalhadoras, mulheres em período reprodutivo, gestantes, adolescentes em busca de orientações sobre planejamento familiar e algumas procuram orientações sobre climatério e menopausa:

[...]De todas as idades, a gente faz o preventivo faz exames de gravidez, faz reposição hormonal, tem mulheres hipertensas, diabéticas[...] (E 7)

Tendo em vista que as mulheres são a maioria da população brasileira e que também são as que mais utilizam os serviços públicos de saúde, considera-se a saúde em uma visão ampliada, relacionada com as condições socioeconômicas da mulher, condições de vida, alimentação, trabalho, moradia, lazer.¹

Para os enfermeiros entrevistados, o atendimento realizado com as mulheres que procuram o serviço de saúde se resume em coletas de exame preventivo de câncer de colo de útero, solicitação de mamografias, entrega de métodos anticoncepcionais e orientações sobre planejamento familiar. Também são citados: solicitação de testes de gravidez, acompanhamento do pré-natal, encaminhamento para reposição hormonal, atividades em grupo, orientações em geral para as mulheres, e orientações relacionadas à sexualidade para as adolescentes.

◆ Assistência às mulheres no período do climatério nas unidades básicas de saúde

Os entrevistados relataram existir um grande número de mulheres no período do climatério que frequentam a unidade de

saúde. A assistência realizada para essas mulheres são: realização de coleta de exame preventivo de colo de útero, terapia de reposição hormonal, solicitação e encaminhamentos de exames, como mamografia.

[...] Sim elas vem pra fazer o preventivo e pra buscar remédio pra pressão[...] (E 8)

[...] é o atendimento que elas procuram também né a gente oferece ali em atenção primária tudo que é preconizado pelo ministério da saúde papa-nicolau acima de 40 anos, saúde reprodutiva com fornecimento de anticoncepcional oral a gente tem ginecologista aqui na unidade que também implanta DIU pra quem tem interesse, mulher que tem interesse em engravidar a gente tem todo o acompanhamento de pré-natal com as consultas de rotina, exames preconizados pelo Ministério da Saúde, e as outras queixas que por vez podem ocorrer de algia a alguma condição clínica[...] (E 9)

Segundo o Manual de Atenção a Mulher no Climatério/Menopausa do MS, a atuação dos profissionais de saúde frente ao climatério deve incorporar a escuta, ouvir a cliente de uma forma qualificada com atenção integral, fornecer orientações quanto a sexualidade, além de estimular a mulher a ser protagonista de sua vida. Cabe também ao profissional avaliar cada caso com cautela, considerando que as mulheres são diferentes e que cada caso também é, para que com isso a assistência prestada às mulheres seja eficaz.¹

A mulher no climatério provoca reflexões sobre desejo sexual, beleza e feminilidade. A mulher climatérica vive um mito da perda do desejo sexual. A sociedade cria estereótipos sobre o papel da mulher, sobre o ser mãe e o ser esposa; essa visão para as mulheres climatéricas pode interferir negativamente nesse processo, sendo necessário e importante que as mulheres tenham conhecimento sobre o assunto, sobre as mudanças ocorridas nessa fase e sobre a melhor forma de viver esse período. Assim, facilitando o entendimento dessas mulheres que o climatério é apenas uma mudança de fase da vida da mulher e não se caracteriza como um fim.⁴

Atitudes positivas dos profissionais melhoram o atendimento para a mulher nesse período da vida, como estímulo ao autocuidado e autoestima. Ainda, os profissionais podem estimular essas mulheres a buscar informações referentes à sexualidade no climatério, auxiliando-as a entender melhor a fase em que estão vivendo e a encontrar a melhor forma possível de passar por ela. Os profissionais podem também oferecer tratamento disponível na rede básica

de saúde, encaminhar para outros serviços de referência, caso haja necessidade.¹

Mulheres climatéricas tiveram uma vida de lutas, enfrentando perdas, dificuldades, dramas e conflitos pessoais, e suas histórias de vida são complexas envolvendo sentimentos crenças e valores, vivências que influenciam o climatério.⁹

O MS sugere: Apoiar a mulher em suas iniciativas de melhorias nas condições e relações de vida, valorizando a experiência e o conhecimento adquiridos durante a vida; Incentivar a prática do sexo com segurança nessa idade levando em consideração o aumento de doenças sexualmente transmissíveis (DST) e Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) nessa faixa etária; Estimular a libido, ativando-o da melhor forma sempre respeitando crenças e valores. Desta forma reforça-se a necessidade de derrubar estereótipos culturais da diminuição do desejo sexual no período do climatério, ressaltando que a menopausa não é o fim da vida e sim o início de uma nova fase.¹

Quanto à reposição hormonal como forma de tratamento para mulheres climatéricas, um dos entrevistados relata que as mulheres recebem orientações sobre o uso de hormônios e sobre o climatério:

[...]elas conversam comigo aí eu dou orientações sobre o climatério né, quando elas se queixam de calorões sobre o hormônio, colocação de hormônio, principalmente as mulheres que tem pressão alta geralmente a doutora não associa hormônio com pressão alta não dá né, aí geralmente eu pego e agendo pra ginecologista pra ter uma avaliação melhor até pra pedir os exames laboratoriais né[...]
(E 10)

Muitos profissionais, principalmente da área médica continuam medicalizando a assistência e prescrevem o uso de hormônios de uma forma generalizada. Poucos são utilizados formas mais saudáveis de tratamento como alimentação e a prática de exercícios físicos. As orientações atuais sinalizam ainda a prática da medicina alternativa com a utilização da fitoterapia, homeopatia e acupuntura, que são outras opções de tratamento, porém ainda pouco utilizados. É necessário lembrar também que as mulheres são diferentes e elas passam por esta fase de formas distintas. As mulheres que realmente necessitam de Terapia de Reposição Hormonal (TRH) devem ser avaliadas criteriosamente para que a dose e os efeitos não venham a prejudicar o organismo.^{1;4}

Estudo mostrou que vem ocorrendo mudanças sociais com as mulheres nesses últimos anos, as mulheres muitas vezes assumem a responsabilidade por suas famílias tanto financeiramente, quanto como autoridade.¹ O viver das mulheres climatéricas é um processo dinâmico em que o próprio processo de envelhecer e a possível chance de adoecer se tornam desafios maiores para essas mulheres e cada avanço em suas perspectivas pessoais se torna como uma conquista especial.⁹

Em um estudo, das mulheres sexualmente ativas pesquisadas, 60,6% relataram ter diminuição da atividade sexual após a menopausa. Com relação a este dado, os autores reforçam a ideia de que a sexualidade da mulher no período do climatério não está relacionada somente ao hipoestrogenismo, também está relacionada a fatores psicossociais e culturais, associados ao próprio envelhecimento.¹⁰

As mulheres vivenciam o climatério das mais variadas formas e esta vivência é caracterizada por diferenças biológicas, culturais e sociais das mesmas.⁵ Para mulheres e homens nessa fase da vida e do envelhecimento, surge muito forte a questão do envelhecimento sexual, esses conflitos ocorrem devido a sexualidade da mulher no climatério ser carregada de muitos preconceitos e tabus.¹

O processo de envelhecimento tornou-se um fenômeno global a partir dos anos 80, iniciou-se nos países desenvolvidos e em seguida nos países em desenvolvimento. Isso mostra também a realidade brasileira como país em desenvolvimento, onde a demanda é bem maior de serviços e a atenção ao envelhecimento da mulher climatérica tem que dividir espaço com as demais demandas.¹⁰

Durante esta pesquisa, os entrevistados foram indagados sobre a existência de alguma estratégia específica de cuidado para as mulheres no período do climatério em sua unidade de atuação. A maioria dos entrevistados refere que não existe nenhuma atividade específica de cuidado às mulheres que vivenciam o climatério, poucos referem a existência de uma estratégia, conforme as falas a seguir:

[...]não, não, a gente faz tudo em geral não tem grupo não[...] (E 11)

[...]específica não, assim, não tem nenhum projeto é atendimento normal mesmo[...] (E 12)

[...]saúde da mulher né que é isso uma atividade desenvolvida só para as mulheres que a gente vá nas comunidades fazer isso só para as mulheres a gente não tem isso

ainda a gente já trabalhou em parcerias quando por exemplo o CRAS já desenvolveu uma atividade, então a gente vai junto nessas atividades, mas quando nós promovemos não é específico só pra mulher, existe o programa específico. A gente atende aqui na unidade, uma outra atividade externa geralmente a gente tá em parceria com outra instituição outro setor[...] (E 13)

A terapia de reposição hormonal é citada como a principal ação de cuidado às mulheres climatéricas:

[...]específica assim não, o que acontece é que muitas dessas mulheres são hipertensas ou diabéticas e nós temos os grupos que trabalham os hipertensos e diabéticos então nesses grupos pelo menos uma vez ao ano um encontro ao ano nós tratamos desse assunto menopausa, andropausa tem homens também junto né então[...] e as vezes acontece alguma palestra na sala de espera sobre esse tema e elas vem de dois em dois meses pra retirar os hormônios quando elas já estão cadastradas pra uso contínuo o posto de saúde fornece. Então é a enfermeira que dá continuidade a isso, o médico faz a uma prescrição e a gente orienta que elas retornem ao médico pelo menos uma vez por ano pra reavaliação e como elas vem pra retirar o hormônio a gente faz preventivo se precisa já vê a questão da pressão, se tá tudo bem, faz exames de rotina uma vez por ano pra ver se não desenvolveu diabetes, faz preventivo do câncer aí faz todo o acompanhamento delas[...] (E 14)

Há controvérsias quanto ao uso da TRH, incluindo situações de contra-indicação, que mesmo sendo mínimas, devem ser priorizadas no acompanhamento e orientação dessas mulheres.¹¹

O MS ressalta ainda a importância das pesquisas em relação ao climatério, pois na medida em que a expectativa de vida aumenta, a necessidade de estudos para as mulheres mais idosas também, e a necessidade de atualização deve acompanhar toda mudança ocorrida na população.¹

Há que se refletir com relação à formação e à atuação dos enfermeiros, que se dá a partir dos cursos de graduação e pós-graduação e pela participação em atividades de educação permanente. Apenas dois enfermeiros entrevistados responderam que realizaram algum curso, treinamento ou congresso sobre o tema climatério.

A Portaria GM/MS nº 1.996, de 20 de agosto de 2007 dispõe sobre as diretrizes para a implementação da Política Nacional de Educação Permanente em Saúde e considera que a Educação Permanente é aprendizagem no trabalho, onde o aprender e o ensinar se

incorporam ao cotidiano das organizações e ao trabalho. A educação permanente assim se baseia na aprendizagem e na possibilidade de transformar as práticas profissionais.¹²

Esses enfermeiros aplicam o conhecimento adquirido na consulta de enfermagem, onde os mesmos procuram passar tudo que sabem a respeito da saúde da mulher. Porém, a maioria relata desconhecer, ou conhece, mas não utiliza a Política de Saúde da Mulher voltada às mulheres climatéricas:

[...]eu já li não posso dizer em detalhes porque assim é bem pouca mulheres que procuram mesmo o serviço nessa situação assim, não tem muitas que estão em terapia de reposição hormonal a maioria faz atividade física tem cuidados com alimentação são bem poucas assim que procuram mesmo a terapia[...] (E 15)

Somente um participante disse que utiliza a Política do MS com relação ao climatério, outra diz que aplicam na consulta de enfermagem, na conversa com as mulheres. Vale ressaltar que o PAISM, criado em 1983, trouxe como conceito a integralidade na assistência à saúde da mulher, e que envolve todas as ações desenvolvidas para esse grupo de mulheres. Já a criação da PNAISM em 2004 reafirmou a necessidade de ações referentes ao climatério, voltadas para as mulheres de meia-idade. Contudo percebe-se que estas ações ainda dependem do interesse de cada profissional e de suas iniciativas individuais e que não se configura uma ação articulada e organizada nos serviços de saúde voltada para o atendimento integral.^{13;14}

CONCLUSÃO

Os achados da pesquisa constataam que há necessidade de implantação e implementação de estratégias específicas às mulheres no período do climatério nas UBS. Os enfermeiros entrevistados possuem déficit de conhecimento em relação ao tema pesquisado, embora a maioria dos entrevistados referiu trabalhar com mulheres climatéricas, por estar inserido no contexto da saúde da mulher.

A saúde da mulher é um campo de atuação complexo, que exige total dedicação em todas as suas ações, com atenção integral às mulheres e não com apenas algumas estratégias específicas.

Constatou-se a necessidade de incentivo e capacitação dos profissionais da enfermagem para a realização de ações referentes ao climatério, que podem ser abordados por meio de estratégias de educação permanente na UBS.

Os resultados mostraram que o climatério não é tratado como devido, e sem a merecida importância, muitas vezes não sendo prioridade de atendimento para essas mulheres. A assistência é caracterizada por ações dispersas associadas a outras atividades, como por exemplo, no grupo de hipertensos, confirmando a inexistência de estratégias específicas para mulheres no período do climatério nas UBS pesquisadas.

Não há dúvidas que a assistência de Enfermagem é de extrema importância para as mulheres climatéricas, bastam que as ações sejam realizadas com visão holística, pois a mulher precisa ser atendida e assistida a partir do olhar do profissional para os aspectos físico, psíquico, social, cultural, integralmente. Acredita-se que, desta forma, as mulheres realmente terão suas necessidades supridas de forma eficiente, em todas as fases de sua vida e, em diferentes aspectos, como recomendam as Políticas Públicas de Saúde brasileiras.

REFERÊNCIAS

1. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Manual de atenção à mulher no Climatério / Menopausa. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, [Internet]. 2008 [cited 2013 May 16]. Available from: http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/manual_climaterio.pdf
2. IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Sinopse do Censo Demográfico 2010. Rio de Janeiro [Internet]. 2011 [cited 2013 May 16]. Available from: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/sinopse.pdf>
3. Oliveira VN de, Valente JG, Medeiros SF de. Aspectos Reprodutivos das Mulheres Climatéricas do Programa de Saúde da Família em Cuiabá. Rev Brasil Ginecol Obstet [online]. 2002 [cited 2012 Oct 22];24(7):441-6. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/rbgo/v24n7/12836.pdf>
4. Valença CN, Azevêdo LMN de, Malveira FAS, Germano RM. Conhecendo a si mesma: olhares femininos sobre menopausa e climatério. J Nurs UFPE on line [Internet]. 2010 [cited 2013 Jan 12]; 4(2):792-801. Available from: http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/viewFile/980/pdf_59
5. Zanotelli SS, Resselz LB, Borges ZN, Junges CF, Sanfelice C. Vivências de mulheres acerca do climatério em uma unidade de saúde da família. Rev pesq.: cuid. Fundam on line [Internet]. 2012 [cited Jan 2013 22];4(1):2800-11. Available from: http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/1632/pdf_492
6. Minayo MCS. O desafio do conhecimento - pesquisa qualitativa em saúde. 11th ed. São Paulo: Hucitec, 2008.
7. Padilha M de I, Borenstein MS, Carvalho MAL, Ferreira AC. Nursing history research groups: a brazilian reality. Rev Esc Enferm USP [Internet]. 2012 [cited Jan 2013 22];46(1):186-93. Available from: http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v46n1/en_v46n1a26.pdf
8. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Saúde da Família: uma Estratégia para a Reorientação do Modelo Assistencial. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 1997.
9. Zampieri M de FM, Tavares CMA, Hames M de LC, Falcon GS, Silva AL de, Gonçalves LT. O processo de viver e ser saudável das mulheres no climatério. Esc Anna Nery Rev Enferm [Internet]. 2009 [cited Jan 2013 20];13(2):305-12. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/ean/v13n2/v13n2a10.pdf>
10. De Lorenzi DRS, Saciloto B. Frequência de Atividade Sexual em Mulheres Menopausadas. Rev Assoc Med Bras [Internet]. 2006 [cited May 2013 16]; 52(4):256-60. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/ramb/v52n4/a27v52n4.pdf>
11. Mota MFZ, Garcia ORZ, Verdi M. Enfermagem na atenção primária de Saúde: textos fundamentais. Florianópolis: UFSC/NFR/SBP, 2007.
12. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Política Nacional de Educação Permanente em Saúde. Brasília: Editora do Ministério da Saúde [Internet]. 2009 [cited May 2013 12]. Available from: http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_educacao_permanente_saude.pdf
13. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Política nacional de atenção integral à saúde da mulher: princípios e diretrizes. Brasília: Editora do Ministério da Saúde [Internet]. 2011 [cited May 2013 12]. Available from: http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_mulher_principios_diretrizes.pdf
14. Gonçalves R, Merighi MAB. Climatério: novas abordagens para o cuidar. In: Fernandes RAQ, Narchi NZ. Enfermagem e saúde da Mulher. Barueri, SP: Manole; 2007.

Submissão: 30/07/2013

Aceito: 06/12/2014

Publicado: 15/01/2015

Correspondência

Silvana dos Santos Zanotelli
Departamento de Enfermagem
Centro de Educação Superior do Oeste
Universidade do Estado de Santa Catarina
Rua Benjamin Constant, 84E
Bairro Centro
CEP 89802-200 – Chapecó (SC), Brasil